

An abstract graphic at the top of the page shows several hands in various shades of blue and black, reaching up to hold a globe. The globe is composed of overlapping, irregular shapes in shades of blue, purple, and white. The background is a dark blue with a pattern of small, white, irregular shapes, resembling a terrazzo or mosaic effect.

# InformeDH

Violações de direitos no contexto da pandemia  
da Covid-19 na periferia de Fortaleza:  
o caso do Grande Bom Jardim



1ª Edição. nº2

**Presidente do CDVHS**

Rosiana Queiroz

**Tesoureira**

Ana Maria Freitas

**Secretário**

Francisco Alef Feitosa

**Coordenação Executiva**  
Lúcia do Carmo Albuquerque

**Coordenação da edição**  
Caio Anderson Feitosa Carlos  
Eduardo Gomes Machado

**Textos da edição**  
Caio Anderson Feitosa Carlos  
Diego Oliveira  
Ingrid Rabelo Freitas

**Revisão técnica do Capítulo sobre violência**

Ana Letícia Costa Lins  
Rosiana Queiroz

**Projeto Gráfico**  
Agamenon Porfírio

Catálogo na publicação

Bibliotecária: Neiliane Alves Bezerra – CRB 3. Inscrição N. 689/1992.

C28v Carlos, Caio Anderson Feitosa

Violações de direitos no contexto da pandemia da Covid-19 na periferia de Fortaleza: o caso do Grande Bom Jardim / Caio Anderson Feitosa, Diego Oliveira, Ingrid Rabelo Freitas; Coordenação de edição Caio Anderson Feitosa Carlos, Eduardo Gomes Machado. -- Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2020. --

38 p. ; il. - (Informe DH; n. 2).

ISBN 978-65-992187-1-2

1. Direito à saúde - Bom Jardim (Fortaleza, CE) 2. Infecções por Coronavírus - Bom Jardim (Fortaleza -CE) 3. Saúde pública - Aspectos sociais - Bom Jardim (Fortaleza, CE) 4. Direitos Humanos - Bom Jardim (Fortaleza, CE) 5. Antropologia 6. Sociologia I. Oliveira, Diego II. Freitas, Ingrid Rabelo III. Gomes, Eduardo Machado IV. Centro de Defesa da Vida Hebert de Sousa.

CDD – 361.614

**Caderno 1. Ano 1. n.2**

**Fortaleza, agosto de 2020**

## Índice de ilustração

*Tabela 1 - Período Janeiro a Junho - Homicídios Grande Bom Jardim*

*Tabela 2 - Homicídios período janeiro a maio de 2020*

*Tabela 3 - Comparação do acumulado de Janeiro a Junho (2015 - 2020)*

*Tabela 4 - Homicídios por bairros 2020*

*Tabela 5 - Homicídios por bairro 2015-2020 por bairro do GBJ*

*Tabela 6 - Taxa de homicídios por 100.000 habitantes por bairro, do GBJ e Fortaleza 2019*

*Tabela 7 - Tabela Taxas de Homicídios por 100 mil/hab Fortaleza e Grande Bom Jardim*

*Tabela 8 - Quantidade de casos por rua*

*Tabela 9 - Maiores ocorrências de homicídios por ruas 2020 GBJ*

*Tabela 10 - Eventos de apreensões 2020*

*Tabela 11 - Tipos de armas utilizados nos homicídios conforme descrição do CIOPS*

*Tabela 12 - Identificação dos suspeitos*

## Sumário

9. Uma epidemia chamada violência: gravidade persistente no contexto do Grande Bom Jardim

*Autores: Caio Anderson Feitosa Carlos, Diego Oliveira Pereira*

30. Efeitos da pandemia na vida das juventudes do Grande Bom Jardim

*Autores: Ingrid Rabelo Freitas; Caio Anderson Feitosa Carlos*

## Sobre o CDVHS

O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) surgiu em 1994 como resultado de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área Pastoral do Grande Bom Jardim. Nesse processo ocorreram distintas lutas comunitárias para enfrentar graves problemas sociais que afligiam as crianças, adolescentes, homens e mulheres habitantes dessa região, composta por cinco bairros da periferia de Fortaleza. O CDVHS foi constituído juridicamente no dia 26 de março de 1994, com o apoio da Cáritas e do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos Arquidiocesana de Fortaleza, dos Missionários Combonianos do Nordeste, da União das Comunidades e da Área Pastoral do Bom Jardim.

A identidade do CDVHS está intimamente ligada ao empoderamento dos setores populares no sentido de incorporá-los no processo de organização, mobilização e negociação de políticas públicas, em situações de participação política ativa, para denúncia e formulação de alternativas aos contextos de violação.

Ao longo de sua trajetória, o CDVHS atuou na defesa do acesso à educação para crianças e adolescentes, em estratégias de desenvolvimento e enfrentamento à pobreza, na articulação comunitária e na participação para o direito à cidade e pela moradia digna, na educação em direitos humanos para afirmação da democracia e dos sujeitos sociais e políticos da periferia, na mobilização e pelo engajamento de adolescentes e jovens, como também na observação e monitoramento de políticas de públicas, a exemplo da segurança pública, moradia, educação e meio ambiente.

## Sobre Informe DH – Coronavírus /COVID 19

**INFORME DE DH** é uma proposta de publicação que tem o escopo de contribuir para a exposição de um problema público, coletivo e que se configura como violação de direitos humanos. Um documento que expõe, denuncia e propõe ações de respeito e promoção aos direitos humanos. Deve, sobretudo, ajudar nos processos de leitura da realidade para melhor a intervenção e a defesa dos direitos humanos por parte dos movimentos populares. No caso específico da produção do CDVHS, deve estar conectado com a realidade da periferia de Fortaleza, com especial atenção para o território do Grande Bom Jardim.

O atual **INFORME DH** tem como objetivo refletir sobre os impactos da COVID19 no contexto das periferias, com enfoque para o Grande Bom Jardim, Fortaleza/CE, revelando e discutindo as violações de direitos humanos que se evidenciam mais gravemente.

Os números da violência urbana, monitorados pelo CDVHS, durante o período da pandemia da COVID-19 revelam um quadro de preocupação e agudizam a crise e os limites vivenciados pelas populações das periferias das grandes cidades, como é o caso de Fortaleza. O presente relatório apresenta esse quadro, particularmente para o contexto do Grande Bom Jardim, região de bairros da capital cearense.

Os meses de abril e maio foram ao mesmo tempo o pior da pandemia da COVID e o pior da epidemia da violência que há muito tomou o cotidiano desses bairros e fazem a gestão, como na crise sanitária, sobre o direito à vida, uma biopolítica eficaz e desigual.

Em quase 5 anos de observação foram quase 1000 registros de homicídios. São inúmeros outros conflitos que se instauraram na dinâmica comunitária retirando não apenas o sossego, a coesão, a vida comunitária integrada, como impactam na qualidade de vida, nos indicadores de saúde, na dinâmica econômica e nas práticas necessárias para a ação política nos marcos da democracia e do Estado de Direito dos setores já subalternizados diante das estruturas e oportunidades políticas.

No capítulo “Uma epidemia chamada violência: gravidade persistente no contexto do Grande Bom Jardim” apresentamos breve panorama do contexto da violência no Grande Bom Jardim, fazendo comparações com a cidade de Fortaleza e a série dos últimos anos. O contexto e suas evidências demonstram a gravidade da violência e sua prevalência como

uma epidemia continuada no contexto de Fortaleza e do Ceará, sobretudo dos territórios de periferia das cidades.

No monitoramento que realizamos, fica evidente como o território do Grande Bom Jardim possui taxas e condições mais agravadas do que o que se registram para o contexto médio da cidade de Fortaleza e para o Estado do Ceará. E que não se trata de situação episódica, ao longo dos cinco anos, com algumas variações, vem experimentando índices continuados que expressam a violência como epidemia grave. Se esticarmos a série para anos anteriores a tendência também se mantém.

Essas são taxas altas e continuadas, de algum modo elas são permitidas e toleradas pelos poderes públicos e pelo conjunto da sociedade. Nenhuma ação pública foi construída ao longo dos últimos anos, como fomos capazes de construir no contexto da COVID-19, com consequência, com amplo investimento, sentido de urgência, baseada na ciência, como localmente os esforços se deram, para enfrentar esta epidemia. Registre-se, o mesmo apelo à lógica científica para preservar a vida não tem a mesma guarida quando se discute a violência e suas múltiplas consequências na vida dos mais pobres.

Devemos tencionar para que admitamos o escândalo e a inadequação social, ética e civilizatória de se permitir que populações inteiras vivam médias e situações reais em torno do assombro e do terror ocasionados pela violência extrema.

O segundo capítulo explora o impactos da pandemia da COVID-19 para as juventudes no Grande Bom Jardim, intitulado “Efeitos da pandemia na vida das juventudes do Grande Bom Jardim”. O Centro de Defesa da Herbert de Souza realizou diálogo com um grupo de jovens e sistematizou outras pesquisas que exploraram os efeitos sob o ponto de vista dos jovens. A inteligência social e política, tanto para caracterizar o contexto, quanto para precisar o diagnóstico dos impactos nas suas vidas e as apostas de futuro, foi explorada no diálogo com os jovens.

A visão dos jovens participantes apontou o cenário de desproteção social vivenciado por eles e suas famílias, percebendo as dificuldades e limitações de agir para ajudar na composição

do sustento, quadro que melhora com o surgimento das ações de assistência por parte dos governos ou mesmo da sociedade civil. Outro quadro apontado é o imenso efeito sobre a educação, tendo em vista as limitações de estudar em casa, pela falta de internet, de materiais, de máquinas, rotinas e condições espaciais, sociais e culturais.

A intensa convivência com as famílias revelou e potencializou conflitos, como também efeitos na saúde mental dos jovens, que alteraram profundamente rotinas, viveram o medo, situações limites e se viram e são impactos em grande medida pela violência que está no cotidiano.

Toda essa pressão que acompanha o período de crise na saúde e segurança pública, os jovens também estão precisando lidar com o desafio de ensino à distância, seja pelas aulas da faculdade, seja na preparação para o ENEM ou até mesmo para acompanhar as aulas do ensino médio, com todas as dificuldades de acesso eficaz e de qualidade.

Tanto o grupo focal como a pesquisa realizada com jovens de todo o Brasil nos chama a atenção para a necessidade de fortalecimento da saúde mental, de políticas públicas que estimulem os/as jovens a criar, a sonhar, a exercitar a intelectualidade e sobretudo de viver dignamente com acesso a uma educação que respeite, esteja atenta e busque superar as desigualdades econômicas, raciais e de gênero. É tempo de construir tomadas de decisões com a população que representa 23% dos/das brasileiros/as, um total de mais de 47 milhões de jovens que tem grande potencial de transformar a desigualdade estrutural do nosso país, só precisam que haja investimentos em suas ideias e a garantia dos seus direitos.

Ressalta-se aqui a importância da arte e da cultura como mediadores para novas significações, novos aprendizados, novas práticas durante o período de pandemia. De maneira geral isto já foi notado por diversos levantamentos do perfil das práticas e comportamentos dos jovens neste período.



# UMA EPIDEMIA CHAMADA VIOLÊNCIA: GRAVIDADE PERSISTENTE NO CONTEXTO DO GRANDE BOM JARDIM

Caio Anderson Feitosa Carlos

Diego Oliveira Pereira

## 1. SOBRE A SALA DE SITUAÇÃO E O MONITORAMENTO DA VIOLÊNCIA: REIVINDICAR UMA POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA EM RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS

O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza vem realizando, há três anos, uma experiência de reflexão sobre o cenário de violência urbana que aflige os bairros do Grande Bom Jardim, de maneira particular, e da cidade de Fortaleza, de maneira geral. Essa observação tem o intuito de propiciar aos atores locais, organizados na luta social e comunitária, uma leitura crítica da dinâmica do problema da violência, seus impactos para a vida comum e a avaliação referenciada em evidência para que se permita influenciar as políticas públicas. A missão é a defesa da vida, de uma vida comunitária em paz e de uma política de segurança pública nos marcos dos direitos humanos. Não que esta não fosse uma pauta do de atuação do CDVHS, mas esta maneira de observar e monitorar de forma mais sistemática damos o nome de Sala de Situação.

### 1.1 FONTES E METODOLOGIA

A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS) divulga os dados de homicídios a partir da categorização de CVLI (Crimes Violentos, Letais, Intencionais), retirando delas as mortes por intervenção policial, crimes acontecidos no interior das unidades prisionais e mortes a esclarecer. Os CVLIs compreendem a “soma de crimes de Homicídio Doloso/Feminicídio, Lesão corporal seguida de morte e Roubo seguido de morte (Latrocínio)”, segundo as notas metodológicas da SSPDS<sup>1</sup>. Os dados de CVLI gerais do Estado do Ceará, de Fortaleza e das cidades interior são apresentados com as divisões das áreas Integradas de Segurança Pública, divisão operacional da política de segurança que repercute nas apresentações das estatísticas. O CDVHS já realizou diversos pedidos para que os dados fossem disponibilizados de forma desagregada por bairro, com o perfil mínimo

---

1 Para acessar as notas, acessar os boletins de divulgação estatística. Para a retirado do trecho citado, consultou o seguinte Boletim: <https://www.sspds.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/24/2020/06/01-CVLI-Estat%C3%ADsticas-Mensais.pdf>.

de vitimização. A Secretaria responde que só os possui por AIS e apenas neste padrão os disponibiliza, conforme estão no site.

Com a pretensão de se ter uma avaliação mais próxima e cotidiana do fenômeno, decidiu-se acompanhar os relatórios do CIOPS (Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança), ou relatórios diários<sup>2</sup>, uma das fontes que compõem a alimentação do número de CVLIS<sup>3</sup>, que eram liberados inicialmente para a imprensa na forma de relatórios descritivos das ocorrências policiais, anteriormente divulgados diariamente. Com estes relatórios é possível acessar dados sobre os homicídios, o bairro, a rua, a data, eventualmente prisão de suspeitos, horário, tipo e arma etc.

Nós convenciamos chamar estes dados de dados precários, pela irregularidade no preenchimento das fichas, que ora possuem mais informações do que outras. Estes dados não são representação exata do universo de ocorrências porque os dados gerais de homicídios de CVLI, quando conseguimos acessar de outras fontes, são sempre maiores do que os registros diários do CIOPS. A razão é que, talvez, porque os dados que compõem os CVLI podem ser retificados a partir da investigação policial, lesões corporais seguidas de mortes podem ser registradas após o óbito da vítima, dentre outros motivos que ainda estudamos. Pode ocorrer que notifiquemos menos casos de homicídios do que os CVLI noticiados, devendo, assim alguns casos identificados pelo CIOPS serem depois nos registros incompreendidos das mortes a esclarecer, entre outros motivos alheios a nossa compreensão.

Acompanhamos ainda o relatório mensal de CVLI – CVLI diários<sup>4</sup>, que são apresentados por Área Integrada, cujo material também amplia nossa percepção de casos ocorridos no período de um mês, na área que monitoramos. Ou seja, os dados do CIOPS são precários e não são definitivos, precisam ser confrontados com estas outras bases.

No entanto, oferecem uma visão aproximada, mais imediata e cotidiana. Os dados que se seguem serão prioritariamente do monitoramento do CIOPS que fazemos, por meio de banco de dados próprio, criado para o acompanhamento que, pelas condições precárias,

2 Para acesso a esta base, consultar o sítio da Secretaria de Segurança Pública: <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>. Para se compreender o modelo da base de nossa fonte, consultar um dos exemplos: [https://www.sspds.ce.gov.br/agenda/wp-content/uploads/sites/24/2020/07/Relatorio\\_01\\_07\\_2020.pdf](https://www.sspds.ce.gov.br/agenda/wp-content/uploads/sites/24/2020/07/Relatorio_01_07_2020.pdf).

3 A SSPDS utiliza ainda, segundo seus boletins, as seguintes fontes para construir o indicador de CVLI: “Boletim de Ocorrência, Termo Circunstanciado de Ocorrência e Inquérito Policial. Em se tratando de CVLI, se faz necessária a utilização de fontes secundárias de dados como os relatórios diários encaminhados pelo Comando de Policiamento do Interior (CPI), os relatórios diários encaminhados pela Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (CIOPS) e os relatórios de exames cadavéricos da Perícia Forense (PEFOCE)”. (SSPDS, 2020).

4 Acessar também pelo sítio da SSPDS: <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>.

analisamos apenas a frequência dos eventos. Como tem inconsistência, operamos apenas com dados de 2015 em diante. Quando possível, compartilhamos dados de CVLI, de mortes a esclarecer e de mortes por intervenção policial por bairros através de compartilhamento de parceiros acadêmicos e da ação política em defesa dos direitos humanos.

## 2. SITUAÇÃO OBSERVADA: LEITURA DOS DADOS

### 2.1 OS DESAFIANTES NÚMEROS DOS PRIMEIROS MESES DE 2020 PARA A SEGURANÇA PÚBLICA

O monitoramento realizado pela Sala de Situação, ação do CDVHS, a partir dos dados CIOPS, já soma 931 homicídios<sup>5</sup>, de janeiro de 2015 a junho de 2020, nos bairros do Grande Bom Jardim, que corresponde ao Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. De janeiro a junho de 2020, o Grande Bom Jardim registrou 92 homicídios. Em contrapartida, no mesmo período de 2019 foram registrados 59 casos. Ou seja, mesmo sob as condições da grave crise sanitária da pandemia de Covid-19, o Grande Bom Jardim registrou 155% homicídios a mais em 2020 comparado ao mesmo período de 2019.

Tabela 1 - Período Janeiro a Junho - Homicídios Grande Bom Jardim

Período Janeiro a Junho - Homicídios Grande Bom Jardim					
2015	2016	2017	2018	2019	2020
63	85	94	98	59	92
Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.					

Tabela 2 - Homicídios período janeiro a maio de 2020

Período Janeiro a Maio - Homicídios Grande Bom Jardim					
2015	2016	2017	2018	2019	2020
53	77	70	75	52	79
Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.					

5 Nesta soma, não se registram os dados oficiais e conclusivos da Secretaria de Segurança Pública, que tendem ser a ser maiores do que os números que registramos do CIOPS, que não os apresenta por bairros, mas por Áreas Integradas de Segurança; não se registra as mortes por intervenção policial, nem as mortes a esclarecer. Ou seja, há ainda uma amostra significativa a se conhecer dessa tragédia que é a epidemia das mortes violentas ocorridas nesta parcela da periferia de Fortaleza.

Da série histórica que a Sala de Situação tem sistematizado, o período de janeiro a maio de 2020 tem sido o que mais registrou homicídios<sup>6</sup>. E compreendendo os seis primeiros meses, janeiro a junho, o ano atinge quase a totalidade dos dados de 2017, sendo considerado o pior ano da história para o registro de homicídios. Ou seja, o que os moradores registraram nas redes sociais, o que a imprensa e a população vêm noticiando amparam-se também nos dados que monitoramos.

O perfil das vítimas, em 2020, com os dados precários que acessamos, corresponde a uma concentração dos homicídios entre os homens, com 97,8% do total. Destes, 15,22% são ocorrências que vitimaram menores de 18 anos (possivelmente de adolescentes), uma das mais altas dos últimos 5 anos. O assassinato de mulheres corresponde a 2,2% do total registrado no período<sup>7</sup>. Não há registro, pelo CIOPS, do perfil racial das vítimas. No entanto, sabemos que as principais vítimas da violência nos territórios são pessoas negras. A ausência dessa informação é reflexo do racismo institucional.

O quadro abaixo expressa uma tendência localizada das ocorrências e de como a violência se comporta, observando os crimes violentos letais, no contexto do Grande Bom Jardim. Comparando com o mesmo período do ano passado, por exemplo, há uma diminuição do número de caso de mulheres assassinadas, tendência que parece ser diferente dos números do Estado do Ceará e de Fortaleza. Em 2019, foram registrados 3 casos de homicídios de mulheres, mesmo período considerado (dados CIOPS), ou seja 1 a mais do que em 2020.

---

6 Sobre o acontecimento, diversas matérias da imprensa local e nacional, como relatórios de análise de homicídios avaliaram o que aconteceu no Ceará. Ver matéria: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,ce-teve-recorde-de-homicidios-em-2017-em-fortaleza-aumento-foi-de-96-4-em-um-ano,70002167953>.

7 Vale referenciar a Nota Pública sobre os Homicídios de Adolescentes em Fortaleza, do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza. A nota ressalta que “pelo menos 69 crianças e adolescentes foram assassinados. O dado corresponde ao período entre o dia 20 de março de 2020 e o último dia 27 de maio. Dessas mortes, 44 ocorreram no município de Fortaleza.” Para acessar o documento: [https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/NOTA\\_P%C3%9ABLICA\\_SOBRE\\_OS\\_HOMIC%C3%8DDIOS\\_DE\\_ADOLESCENTES\\_EM\\_FORTALEZA\\_1.pdf](https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/NOTA_P%C3%9ABLICA_SOBRE_OS_HOMIC%C3%8DDIOS_DE_ADOLESCENTES_EM_FORTALEZA_1.pdf)

Tabela 3 - Comparação do acumulado de Janeiro a Junho (2015 - 2020)

Comparação do acumulado de Janeiro a Junho (2015 - 2020)														
	2015		2016		2017		2018		2019		2020		Acumulado	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Total	63	100	88	100	94	100	97	100	59	100	92	100	492	100
Homens	60	95,24%	86	97,73%	86	91,49%	89	91,75%	56	94,92%	90	97,83%	467	94,92%
Mulheres	3	4,76%	2	2,33%	7	7,45%	8	8,25%	3	5,08%	2	2,17%	25	5,08%
Menores de 18 anos (Homens e mulheres)	10	16,67%	8	9,09%	5	5,32%	7	7,22%	4	6,78%	14	15,22%	54	10,98%

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

A tabela 3 apresenta uma série de comparação do período de janeiro a junho entre os anos de 2015 a 2020, com as frequências e as porcentagens por ano, nas quais se observam que o perfil básico de vitimização mantém concentração entre os homens, sendo 2016, 2019 e 2020 os anos que em se observam as maiores concentrações percentuais, respectivamente (98%, 95% e 98%). Os anos 2017 e 2018, por outro lado, representaram a maior ocorrência e peso proporcional da morte de mulheres no cômputo geral, correspondendo a uma tendência geral observada no Estado de aumento da morte de mulheres, sobretudo de adolescentes.

Já a representação da quantidade de menores de 18 anos assassinados, possivelmente adolescentes, tem nos anos de 2015 e de 2020 as maiores ocorrências proporcionais, sendo 17% e 15% respectivamente. No geral, para o período considerado, em média, 11% dos homicídios se concentram entre os menores de 18 anos. Até junho deste ano, tem o maior registrado absoluto da série para adolescentes com 14 casos. Este dado se revela um dos mais graves resultados da violência no estado do Ceará, demonstrando que parte considerável das vítimas não chega nem a completar a maior idade. Na tabela, temos apenas a recorrência entre os adolescentes, mas se considerado os jovens, de 18 a 29 anos, os dados demonstram que chegam a mais 50% das ocorrências. Registre-se que não é possível segregar os dados e construir um perfil etário mais apurado dos menores de 18 anos, nem perfil racial nem de sexo, pois os dados do CIOPS são precários.

Como não temos a segmentação dos dados, não podemos saber a idade dos maiores e menores de 18 anos com exatidão. Todavia, o Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará apontou, em recente nota, que “de janeiro a maio de 2020, 798 adolescentes e jovens,

de 12 a 24 anos, tiveram suas trajetórias de vida interrompidas, representando 42,29% do total de mortes violentas deste período e um aumento de 138,92% se comparado com os primeiros cinco meses de 2019.” (FÓRUM POPULAR DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ, DHESCA BRASIL, 2020)<sup>8</sup>.

Esta tendência de crescimento da violência corrobora esta nota de denúncia e análise feita pelo Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará, cuja tônica aponta crescimento nos indicadores de violência do estado, chamando atenção para o cenário de violência que atinge as periferias, com atenção aos adolescentes, jovens e mulheres de maneira particular. A seguir vamos reproduzir os resultados da referida análise:

- O número de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) nos cinco primeiros meses de 2020 aumentou 101% em relação ao mesmo período de 2019. Foram 1.887 homicídios, o que equivale a 83,61% do total de ocorrências de 2019.
- Chama atenção a quantidade de mortes categorizadas como a esclarecer pelo Governo do Estado, entre os anos de 2014 a 2018, o número de mortes a esclarecer é de 3.841 mortes , tendo aumentado 46,8%, entre o ano de 2014 em relação a 2018.
- Na nota do Fórum, registrou-se que para o ano de 2020, fevereiro foi o mês com maior número de CVLI, ao todo, foram 459 homicídios. Este dado difere das ocorrências que monitoramos. No Grande Bom Jardim, o mês mais violento em 2020 foi abril. Ainda que fevereiro, com o impacto do motim da PM os números de homicídio na região tenham crescido, entretanto, abril e maio foram os meses em que se concentraram no GBJ.
- Os homicídios de mulheres também merecem muita atenção e contrastam com o que notamos no monitoramento do Grande Bom Jardim. Até “31 de maio de 2020 foram contabilizadas 161 mulheres mortas violentamente, caracterizando, em média, 1,06 homicídio por dia. Em 2019, no mesmo período, o número de homicídios de mulheres foi 87,21% menor, com 86 casos. Em relação a crianças e adolescentes do sexo feminino, de 0 a 18 anos, o crescimento foi de 153,85%, passando de 13 casos em 2019 para 33 em 2020”, relatou a nota do Fórum.
- Por último, vale também observar as mortes por intervenção policial. “No mês de abril de 2020, foram contabilizados 35 homicídios em operações policiais, sendo 150% superior ao registrado em abril de 2019. É o maior número registrado nas bases de dados estatísticos publicizadas desde 2013 pela SSPDS. Os registros até o final de maio de 2020 contabilizam 78 mortes, representando 57,35% do total registrado durante todo o

---

8 Para ter acesso ao Documento, acessar o seguinte endereço: <https://www.plataformadh.org.br/2020/06/25/escalada-de-homicidios-no-ceara-durante-pandemia-exige-mudanca-urgente-da-politica-de-seguranca-publica/>.

ano de 2019.” Infelizmente não são divulgados estes dados nos relatórios CIOPS, nem os dados de morte por intervenção policial divulgado por bairro, apenas nas AISs.

A dinâmica dos homicídios no Grande Bom Jardim é variável, corresponde aos dobramentos dos conflitos que as diferentes comunidades enfrentam. Ao observarmos os dados, podemos constatar que o bairro Bom Jardim é o que acumula mais ocorrências, correspondendo a 1/4 (25%) do total dos casos, seguido pela Siqueira (21%), Granja Lisboa (20,65%), Canindezinho (17) e Granja Portugal (15%).

Tabela 4 - Homicídios por bairros 2020

Homicídios por bairros 2020								
Bairros	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Acumulado	%
Bom Jardim	3		5	4	8	3	23	25,00%
Canindezinho	1	5	1	4	2	3	16	17,39%
Granja Lisboa	4	4	1	6	1	3	19	20,65%
Granja Portugal		2	1	4	5	2	14	15,22%
Siqueira		2	3	5	8	2	20	21,74%
	8	13	11	23	24	13	92	

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Tabela 5 - Homicídios por bairro 2015-2020 por bairro do GBJ

Homicídios por bairro 2015-2020 por bairro do GBJ								
Bairros	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Totais	%
Canindezinho	19	25	34	26	14	16	134	14,39%
Granja Lisboa	29	19	47	48	31	19	193	20,73%
Granja Portugal	22	20	45	33	19	14	153	16,43%
Siqueira	23	31	36	33	13	20	156	16,76%
Totais	147	148	224	204	116	92	931	
	8	13	11	23	24	13	92	

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

É importante chamar atenção para as diversas manchas de conflitos espalhadas pelo território. Trata-se de um território amplo em área e em população. Os conflitos que ocorrem

no bairro Siqueira chamam atenção e já transformam o bairro, que era o menor em população e tinha indicadores sem a expressão que se encontram hoje, em um dos que mais apresenta crescimento nos dados de violência letal. O Bom Jardim, por ser bairro mais consolidado e estar no centro do território, se encontra na dianteira dos registros. Isto se deve, em nossas hipóteses, por ele aglutinar mesmo o potencial dos conflitos e seus efeitos, seja porque há uma prevalência de se registrar em diferentes partes de outros bairros vizinhos, como sendo Bom Jardim, pela ampla identidade que os moradores e agentes de políticas atribuem a este bairro na região.

## 2.2 AS TAXAS DE HOMICÍDIOS POR 100 MIL/HABITANTES

As taxas de homicídios por 100 mil/habitantes são bastante expressivas para se compreender a expressão do problema da violência, das mortes violentas, no Grande Bom Jardim, em seus bairros em particular e em toda a região, comparando-se com o comportamento da taxa geral da cidade. Em 2019, se comemorou uma redução histórica no número total de homicídios na cidade<sup>9</sup> e, com isto, também a redução das taxas por 100 mil habitantes. Fortaleza, por exemplo, saiu da taxa de 75 por 100/mil/hab em 2017 para 25 em 2019.

Mesmo no ano em que se alcançou essa marca histórica, no contexto de uma trajetória crescente para Fortaleza e para o Ceará (2004 e 2017), o Grande Bom Jardim registrou mais do que o dobro (52 para 100/mil/hab) e o bairro Bom Jardim registrou quase quatro vezes mais incidência na sua taxa, compondo uma surpreendente e preocupante taxa de 95 por 100/mil/hab, quase quatro vezes a taxa de Fortaleza. Ou seja, os conflitos locais, mesmo diminuindo seu impacto sobre a composição dos indicadores de homicídios frente aos outros anos, continuam graves e gerando amplo impacto em sua população.

---

9 Sobre isto podem ser consultadas notícias do próprio Governo do Estado: <https://www.sspds.ce.gov.br/2020/01/07/ceara-fecha-o-ano-de-2019-com-50-de-reducao-nas-mortes-provocadas-por-crimes-violentos-resultado-e-o-melhor-da-decada/>.

Tabela 6 - Taxa de homicídios por 100.000 habitantes por bairro, do GBJ e Fortaleza 2019

Taxa de homicídios por 100.000 habitantes por bairro, do GBJ e Fortaleza 2019						
Bairros	Total de casos 2019	População Censo 2010	% Estimativa de crescimento	Aumento estimado	População estimada em 2019 conforme fator estimado de crescimento=	Taxa de homicídios por 100.000 habitante
Bom Jardim	39	37758	8,85	3341,583	41099,583	94,89
Canindezinho	14	41202	8,85	3646,377	44848,377	31,21
Granja Lisboa	31	52042	8,85	4605,717	56647,717	54,72
Granja Portugal	19	39651	8,85	3509,1135	43160,1135	44,02
Siqueira	13	33628	8,85	2976,078	36604,078	35,51
GBJ	116	204281	8,85	18078,8685	222359,8685	52,16
Fortaleza	663				2669342	24,837

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

As taxas de 2019, em comparação do caso de Fortaleza e dos bairros do GBJ, oportunizam perceber que estes bairros em si possuem muito mais recorrência e peso dos homicídios na sua dinâmica do que as médias da cidade. Se em 2020 a tendência no acumulado de janeiro a junho foi de aumento dos indicadores, poderemos ter taxas ainda mais preocupantes, ampliando a dimensão e os impactos dessa problemática na vida dos moradores do território.

No geral, as taxas do Grande Bom Jardim sempre são maiores do que a média das registradas para Fortaleza. Em 2015, foi o ano em que mais elas se aproximaram, as de Fortaleza e a do GBJ, mas se distanciaram nos anos seguintes, chegando quase ao dobro das registradas em Fortaleza nos anos de 2016 e 2018. No próximo informe, vamos nos dedicar a compreender melhor as taxas por bairro ao longo dos últimos cinco anos.

Por último, a tabela 7 apresenta um comparativo da região de cinco bairros e Fortaleza. E média da região continua acima da média da taxa de homicídios por 100 mil/habitantes de Fortaleza. Novamente elas se aproximam em 2015 e nos anos seguintes chegam a quase ser o dobro da taxa de Fortaleza.

Tabela 7 - Tabela Taxas de Homicídios por 100 mil/hab Fortaleza e Grande Bom Jardim

Tabela Taxas de Homicídios por 100 mil/hab Fortaleza e Grande Bom Jardim						
	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Fortaleza	63,72	38,59	75,32	56,07	24,84	26,45
GBJ	68,10	68,08	102,34	92,65	52,17	41,37

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

## 2.3 OS HOMICÍDIOS NAS RUAS DO GRANDE BOM JARDIM

Para encerrar esta exposição, é importante espacializar onde tem se localizado e se concentrado parte dos conflitos armados a partir do registro de suas vítimas. Os dados do CIOPS nos permitem saber as ruas dos eventos, onde os corpos são encontrados e o trabalho do sistema de segurança pública começa, assim como o início da ação da Polícia Militar, da Polícia Civil e da Perícia Forense a partir da ocorrência. De 2015 até o final de maio, foram monitorados 918 homicídios. Cerca de 27,34% dos casos ocorreram em 15 ruas. Se consideradas as 20 ruas com maiores os registros, elas concentram 33,22%. Observar parte dessa dinâmica, talvez, indique parte dos trânsitos e das fronteiras dos conflitos presentes nos bairros. Além das fronteiras, são ruas que compõe a própria concentração dos conflitos em cada mês e ano. E pelo que monitoramos, há novidades e muitas permanências nas manchas dos conflitos armados.

Tabela 8 -Quantidade de casos por rua

Quantidade de casos por rua – 20 ruas com mais ocorrências (2015-2020)	
Ruas	Nº de casos
1.URUCUTUBA	26
2.BARRA VERMELHA	24
3.OSORIO DE PAIVA	20
4.MARTINS DE CARVALHO	19
5.GERALDO BARBOSA	17
6.JOAO PINHEIRO	16
7.LUMINOSA	16
8.JOAO XXIII	15
9.LONDRINA	15
10.CONEGO DE CASTRO	14
11.CORONEL FABRICIANO	14
12.EDSON MARTINS	14
13.HUMBERTO LOMEU	14
14.NOVA CONQUISTA	14
15.VIRGILIO NOGUEIRA	13
16.OSCAR ARARIPE	12
17.SARGENTO BARBOSA	12
18.JOAO CORREIA	10
19.JOSE ABILIO	10
20.MIRTES CORDEIRO	10

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Nos últimos cinco anos foram registradas ocorrências de homicídios em ao menos 280 ruas do Grande Bom Jardim. Ou seja, a proximidade e a recorrência desse evento evidenciam a rotinização da letalidade, da violência extrema no cotidiano dos moradores.

Em 2020, até o final de maio, entre as ruas mais impactadas com as ocorrências está a Cônego de Castro, fronteira do Canindezinho com o Presidente Vargas, Parque São José e Conjunto Esperança, indicando ali que há uma fronteira para os conflitos do entorno. Esta rua é um importante corredor comercial e de trânsito para estes bairros da região e sua ligação com o Centro e as outras vias centrais. No contexto da Granja Portugal a Rua João XXIII concentra um permanente conflito: desde 2015, 15 ocorrências foram registradas nessa via.

Tabela 9 - Maiores ocorrências de homicídios por ruas 2020 GBJ

Maiores ocorrências de homicídios por ruas 2020 GBJ- 10 ruas com maiores ocorrências	
Ruas	Nº de casos
CONEGO DE CASTRO	5
JOAO XXIII	5
GERALDO BARBOSA	3
OSORIO DE PAIVA	3
FRANCISCO PAIVA	2
IRINEU RAMOS	2
JULIO GOLF	2
NOVA CONQUISTA	2
T DA FELICIDADE	2
VINICIUS DE MORAIS	2

Tabela 9 - Ocorrência de Homicídios por rua em 2020 Bairros GBJ

Ocorrência de Homicídios por rua em 2020 Bairros GBJ									
Bom Jardim		Canindezinho		Granja Lisboa		Granja Portugal		Siqueira	
GERALDO BARBOSA	2	CONEGO DE CASTRO	5	FRANCISCO PAIVA	2	JOAO XXIII	3	JULIO GOLF	2
JOAO XXIII	2	AV UM	1	DESCARTES BRAGA	1	CORONEL FABRICIANO	1	T DA FELICIDADE	2
NOVA CONQUISTA	2	DOS TREVOS	1	GERALDO BARBOSA	1	GUSTAVO BARROSO	1	VINICIUS DE MORAIS	2
BARRA VERMELHA	1	EINSTEIN	1	GUARAREMA	1	JOSE ABILIO	1	CESARINA BATISTA	1

DOM LUSTOSA	1	ITAJEU	1	HUMBERTO LOMEU	1	LUMINOSA	1	DIVINA	1
EDSON MARTINS	1	JOSE MAURICIO	1	JOAO CORREIA	1	MIRTES CORDEIRO	1	ESTRADA DO SIQUEIRA	1
IRINEU RAMOS	1	MONTE PASCAL	1	JOAO VITOR	1	SAMARIA	1	GENERAL SEVERO	1
JOSE MARTINS	1	NITEROI	1	MARANGUAPE	1	T MAZOLEU	1	GOMES SAMPAIO	1
JULIANA NOJOSAS	1	OSORIO DE PAIVA	1	MARTINS DE CARVALHO	1	T SANTA MARIA	1	IRINEU RAMOS	1
MANOEL GALDINO	1	UMARIZEIRAS	1	MATEUS LEMOS	1	VALDENIA SOARES	1	JARDIM PAROARAS	1
MANUEL GALDINO	1			PATO BRANCO	1			MARIA PIRES	1
MEDELIN	1			PAULINO ROCHA	1			OSORIO DE PAIVA	1
MIGUEL ARRAES	1			TUCUNDUBA	1			PADRE PALHANO	1
OSCAR ARARIPE	1			UMUARAMA	1			SANTA RITA	1
OSORIO DE PAIVA	1			VIRGILIO NOGUEIRA	1			SAO PAULO	1
THIAGO PEREIRA	1								
VICENTE PINHEIRO	1								

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Importante também destacar que foram registrados 70 eventos de apreensões de armas, entorpecentes, armas e entorpecentes juntos. Os quantitativos não foram apresentados. Considerando apenas a quantidade de eventos de apreensão de armas, tem poucos eventos comparando-se apenas com os casos de homicídios que na maioria são praticados por arma de fogo.

Tabela 10 - Eventos de apreensões 2020

Eventos de apreensões 2020							
Apreensões	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Totais
Arma	2	1	9	12	12	7	43
Entorpecentes	9		4	1	4	7	25
Armas/Entorpecentes	1		1				2

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Usa-se cada vez mais a arma de fogo, como demonstra a Tabela 11. A circulação intensa e descontrolada das armas de fogo explica a letalidade dos conflitos, a agência dos grupos criminosos mediados pelo uso intenso das armas e isto com potencial de se transformar em eventos trágicos como os que verificamos nos dados deste relatório. Ou seja, maior circulação de armas potencializa à vitimização ao homicídio.

Tabela 11 - Tipos de armas utilizados nos homicídios conforme descrição do CIOPS

Tipo de arma (2015 a maio de 2020)							
Tipo	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
Fogo	142	148	215	181	103	78	867
Branca	4		6	3	7	1	21
Outros	1		3	20	6		30

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Um dado preocupante é a baixa identificação ou prisão de suspeito de homicídios. Dos 931 casos de homicídios nos últimos 05 anos, apenas 28 pessoas foram identificadas, talvez porque tenham sido presas em flagrante, nas horas iniciais após o evento.

Tabela 12 - Identificação dos suspeitos

Identificação dos suspeitos							
Suspeito	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
Identificado	4	3	6	6	7	2	28
Não identificado	143	145	218	198	109	90	902

Fonte: Dados CIOPS da SSPDS/CE. Produção própria.

Chama atenção a quantidade de eventos violentos com potencial ampliado de vítimas. Um evento violento que vitima duas, três, quatro ou mais pessoas. Foram registrados dois eventos relacionados às chacinas, três triplos homicídios e treze duplos homicídios em 2017, um ano de uso e demonstração intensa da violência. Em 2020, chama atenção a quantidade duplos homicídios, com 05 eventos, com 10 vítimas.

Vítimas de duplos, triplos homicídios e chacinas							
	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total de vítimas
Duplos	2	10	26	20	8	10	76
Triplos			6				6
Chacina			9				9

## 2.4 OUTROS CONFLITOS

Ao tempo em que monitoramos os homicídios por meio dos dados CIOPs, através do sítio da Secretaria de Segurança Pública, a Sala de Situação observa os relatos dos moradores, das lideranças comunitárias e a abordagem que é feita pela imprensa local, sobretudo, o que se noticia na internet. É possível afirmar que há uma confluência entre o que se observa de indicadores e as notícias de conflito. Os jovens, em grupo focal online, apontaram a sensação de que as condições de segurança estavam se agravando, que se ampliaram os tiroteios, as notícias de homicídios, atos simbólicos de demonstração de força dos grupos armados, como as músicas em som alto em defesa de grupos armados, os fogos sincronizados em vários bairros e as invasões de comunidades com tomada de casas, através da expulsão violenta das pessoas.

Os moradores relataram que escutavam na madrugada, sobretudo, ou durante o dia, sequências de tiros, tiroteios de grandes proporções, com uso suposto de armas automáticas (tiros em série, sucessivos); episódios de invasão e tomada de comunidades e casas. Por isso, estes episódios ampliaram a sensação de insegurança, os níveis de preocupação e estresse já agravados pelo cenário de pandemia da COVID19 e suas consequências para o contexto local.

A imprensa local, tanto veículos tradicionais da imprensa empresarial, quanto veículos alternativos, noticiavam esses conflitos. Abaixo, reproduzimos materiais e conteúdos do nosso banco de dados, noticiando, sobretudo, as invasões e tomadas de casas, que são eventos inscritos na ordem dos conflitos armados para tomada e domínio de territórios, não apenas para o controle do tráfico de drogas e outros mercados ilegais, mas também para o exercício de uma soberania e o controle absoluto das regiões e das práticas sociais gestadas pelos moradores.

Os relatos são de invasões às comunidades, medo, ameaça pavor e terror vivenciado pelos moradores. O epicentro das ocorrências, pelos relatos que acessamos, deu-se na Comunidade Sete de Setembro, por ocasião da expulsão de ao menos 30 famílias, em torno de 27 de abril. Antes e depois deste evento uma sequência de relatos se referiam às ameaças de invasão da comunidade por um grupo armado rival. Pela imprensa e através dos moradores foi registrado um duplo homicídio de residentes da comunidade que resistiram à ordem de pessoas ligados aos grupos.

Vale dizer que neste período a cidade toda passou por uma suposta onda de ataques coordenados por uma facção, em razão da morte de um dos seus chefes em Messejana. O fato fez com que um salvo geral fosse dado e diversos atos de represália disparados em toda a cidade, para evidenciar o confronto aberto e a demonstração de força de tal grupo (vide matéria de 30 de abril da tabela abaixo). A “boca miúda”, boatos e mensagens em redes sociais também associavam a soltura de fogos coordenados em vários bairros como comemoração de tomada de comunidades por grupos armados/facções.

Ainda estamos monitorando o impacto desses eventos na dinâmica dos homicídios e quantas famílias foram deslocadas de forma forçada de suas casas.

Tabela 10 - Ocorrências na imprensa 2020

Chamada	Veículos	Data	Palavras-chaves	Link
Moradores abandonam casas e comércios no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza, por temor de grupos criminosos	Portal G1	19/06/2020	terror; expulsão; controle do cotidiano; facção; moradores exilados	<a href="https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/06/19/moradores-abandonam-casas-e-comercios-no-bairro-bom-jardim-em-fortaleza-por-temor-de-grupos-criminosos.ghtml">https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/06/19/moradores-abandonam-casas-e-comercios-no-bairro-bom-jardim-em-fortaleza-por-temor-de-grupos-criminosos.ghtml</a>
Esconderijo de facção descoberto pela Polícia possuía alarme e câmeras; grupo suspeito de expulsar moradores é preso	O Povo	28/04/2020	suspeitos de expulsar famílias; presos; armas; comunidade jardim do éden; comunidade sete de setembro	<a href="https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/04/28/esconderijo-de-faccao-descoberto-pela-policia-possuia-alarme-e-cameras--grupo-suspeito-de-expulsar-moradores-e-preso.html">https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/04/28/esconderijo-de-faccao-descoberto-pela-policia-possuia-alarme-e-cameras--grupo-suspeito-de-expulsar-moradores-e-preso.html</a>

Facção ataca comunidade, invade residências, expulsa famílias e mata moradores	CN7	28/04/2020	invasão comunidade. sete de setembro.morte. terror. zona de guerra. 30 famílias.	<a href="https://cn7.com.br/facao-ataca-comunidade-invade-residencias-expulsa-familias-e-mata-moradores/">https://cn7.com.br/facao-ataca-comunidade-invade-residencias-expulsa-familias-e-mata-moradores/</a>
Tirroteios simultâneos entre facções são registrados em Fortaleza e RMF	O Povo	23/04/2020	tirroteios simultâneos; invasão de comunidades; mortes; facções; granja lisboa;	<a href="https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/04/23/tirroteios-simultaneos-entre-faccoes-sao-registrados-em-fortaleza-e-rmf.html">https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/04/23/tirroteios-simultaneos-entre-faccoes-sao-registrados-em-fortaleza-e-rmf.html</a>
Crime organizado no Ceará expulsa famílias de casa	Record e TV Cidade	10/03/2020	facções criminosas ceará; expulsão de famílias; medo; terror; 2008 e 2019 150 famílias expulsas.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=1DwuRicZefk">https://www.youtube.com/watch?v=1DwuRicZefk</a>
Assassinato de “chefão” provoca a ira de facções e em uma semana 87 pessoas são mortas na grande Fortaleza	F5Cariri	30/04/2020	morte de “chefão”; homicídios; cronologia do conflito; expulsão de famílias; comunidade sete de setembro; gde;	<a href="https://www.f5cariri.com.br/2020/04/assassinato-de-chefao-provoca-ira-de.html">https://www.f5cariri.com.br/2020/04/assassinato-de-chefao-provoca-ira-de.html</a>

### 3.CONCLUSÃO

O contexto e suas evidências demonstram a gravidade da violência e sua prevalência como uma epidemia<sup>10</sup> continuada no contexto de Fortaleza e do Ceará, sobretudo dos territórios de periferia das cidades. No monitoramento que realizamos, fica evidente como o território do Grande Bom Jardim possui taxas e condições mais agravadas do que o que se percebe para o contexto médio da cidade de Fortaleza e para o Estado do Ceará. E que não se trata de situação episódica, ao longo dos cinco anos, com algumas variações, vem experimentando índices continuados que revelam a violência como epidemia grave. Se esicarmos a série para anos anteriores a tendência também se mantém.

De acordo com o parâmetro da Organização Mundial de Saúde, compreendem-se como epidemia as taxas de homicídios por 100 mil/habitantes maiores do que 10. As taxas

10 Ver DAHLBERG , Linda L; KRUG, Etienne G. (2006)

dos bairros em si são maiores do que 30, quando baixas, chegando, em alguns anos, a serem maiores do que 100 por 100 mil/hab. Considerando as da região do GBJ são quase sempre perto do dobro das de Fortaleza, sempre maiores de 50 por 100/mi/hab, revelando quão perversa se revela a violência na vida dos moradores dessa região de bairros.

Essas são taxas altas e continuadas, de algum modo elas são permitidas e toleradas pelos poderes públicos e pelo conjunto da sociedade. Nenhuma ação pública foi construída ao longo dos últimos anos, como fomos capazes de construir no contexto da COVID-19, com consequência, com amplo investimento, sentido de urgência, baseada na ciência, como localmente os esforços se deram, para enfrentar esta epidemia. Registre-se, o mesmo apelo à lógica científica para preservar a vida não tem a mesma guarida quando se discute a violência e suas derivações.

Devemos tencionar para que admitamos o escândalo e a inadequação social, ética e civilizatória de se permitir que populações inteiras vivam médias e situações reais em torno do assombro e do terror ocasionados pela violência extrema, que a vida das pessoas seja desprezada, como a dor dos parentes e toda a sorte de danos que a violência causa na vida de quem por ela é atingida direta e indiretamente. Estamos socializando milhares de pessoas para uma vida social, comunitária, política e cultural em que toma a violência como chave diária, inescapável e rotineira.

São as expressões atualizadas das vidas nuas, experiências ampliadas da desproteção, da amplificação do estado de ilegalidade, de cidadania restrita, cerceadas, submetidas ao constante estado de exceção pela banalização e a rotinização da violência, do viver-no-limite a todo instante. Apenas este ano as periferias de Fortaleza vivenciaram situações de estado de sítio por ataques e conflitos das facções que imprimem toque de recolher, expulsam família, promovem execuções e torturas. São soberanos e exercem um poder sobre a vida e paz inimagináveis. Vivenciou-se um motim da Polícia Militar que imprimiu por mais de uma semana toque de recolher, ameaças, execuções e outras práticas de terror. Quando não menos, chega uma emergência sanitária que novamente coloca à vida no limite. Ao mesmo tempo, pari passu, a epidemia da violência aumenta, os homicídios crescem e conferem mais apelo às condições limites de se viver quando esquecido como condenado, fora das normas e convenções criadas para a cidade, os direitos humanos e as garantias da democracia.

São muitas frentes e mecanismos intensos de controle e poder com base na violência, de grupos armados, de quem se arma para a luta de viver no limite ou construir capital

e poder a partir da violência, de controle estatal igualmente baseado na força, como forma de atualização das estratégias de governamentalidade para o controle de população nas margens; uma atualização do poder do soberano em um dialética dos grupos armados-Estado; na crítica social foucaultiana apresentada Achille Mbembe (2012), com seu conceito de necropolítica, uma política centrada na produção da morte em larga escala e seus múltiplos efeitos.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CEARÁ. (Governo do Estado). Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. Ceará fecha o ano de 2019 com 50% de redução nas mortes provocadas por crimes violentos; resultado é o melhor da década. **Site institucional**, Fortaleza, p. 1-2, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CEARÁ. (Governo do Estado). Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social. Crimes Violentos Letais Intencionais: Estatística mensal. **Site institucional**, Fortaleza, ano 2020, p. 1-2, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/>. Acesso em: 3 jul. 2020.

CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA – COMDICA. **Nota Pública Sobre os Homicídios de Adolescentes em Fortaleza**. Digital. Fortaleza, 11 jun. 2020. Disponível em: [https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/NOTA\\_P%3%9ABLICA\\_SOBRE\\_OS\\_HOMIC%3%8DDIOS\\_DE\\_ADOLESCENTES\\_EM\\_FORTALEZA\\_1.pdf](https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/NOTA_P%3%9ABLICA_SOBRE_OS_HOMIC%3%8DDIOS_DE_ADOLESCENTES_EM_FORTALEZA_1.pdf). Acesso em: 2 jul. 2020.

DAHLBERG, Linda L; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, ano 2006, v. 11, n. 2, p. 1163-1178, 30 mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

FORÚM POPULAR DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Escalada de homicídios no Ceará durante pandemia exige mudança urgente da política de segurança pública**. Versão digital. Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://https://www.plataformadh.org.br/2020/06/25/escalada-de-homicidios-no-ceara-durante-pandemia-exige-mudanca-urgente-da-politica-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, una revisión crítica**. In: GREGOR, Helena Chávez Mac (Org.). *Estética y violencia: Necropolítica, militarización y vidas lloradas*. México: UNAMMUAC, 2012, p. 130-139.



# EFEITOS DA PANDEMIA NA VIDA DAS JUVENTUDES DO GRANDE BOM JARDIM

Ingrid Rabelo Freitas

Caio Anderson Feitosa Carlos

Fortaleza, situada na região nordeste, é a capital do Estado do Ceará. Segundo o último Censo (2010), esse município tem uma população de 2.452.115 habitantes, já na estimativa de 2017 de 2.627.482. O município é composto por 119 unidades administrativas, denominadas bairros. Esses estão distribuídos em seis regionais administrativas, segundo a Lei 8.000, de 1997.

É, pois, através dessa descrição geográfica e social que apresentamos o território sobre o qual se concentram as intervenções deste projeto, o Grande Bom Jardim (doravante GBJ). Esta área de Fortaleza, que compreende cinco bairros oficiais, a saber, Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira reflete uma cidade que se faz desigual, incidindo os seus reveses na parcela da população mais vulnerável, as classes populares, de trabalhadores informais, com baixos rendimentos e pouca escolarização. E isto se reverte em maior peso sobre as mulheres e, em razão do seu particular processo de desenvolvimento, sobre as crianças, adolescentes e jovens. Como se percebe nos dados gerais, os segmentos afro-brasileiros são os mais pobres, são mais vítimas da violência letal, estão em imensa maioria nas instituições de privação de liberdade e, por isso, sofrem, no contexto das cidades, com a segregação social, espacial, econômica, penal e ambiental. Não por acaso, sentem os diversos problemas e efeitos da atual pandemia, que se potencializa com a estrutura de desigualdade que temos.

No território do Grande Bom Jardim, em 2010, segundo Censo do IBGE, fonte mais atual, residiam 204.281 habitantes. Deste universo, eram homens: 99.212 habitantes – 48,56% – e mulheres: 105.061 habitantes – 51,43%, a maioria, como se vê. Em termos populacionais, o território (GBJ) representa 8,33% da população de Fortaleza. O GBJ possui um contingente populacional de pessoas no intervalo etário de 0 a 29 de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 59% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que, do total dessa população, 58% tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em 2010, 59% da população do Grande Bom Jardim era formada de pessoas entre 0 e 29 anos - ou seja, uma população jovem que representava 120.957 habitantes do total de 204 mil.

Desse total de 120.957, 58% tem entre 0 e 17 anos

Nesse compasso é importante mencionar que a compreensão de juventudes, trazida para o debate, está ancorada na concepção defendida por Machado Pais (2003) para quem é importante entender as juventudes como sujeitos plurais e não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase da vida, mas sim compreender as culturas juvenis como um conjunto social com características que os diferenciam. Assim torna-se importante entender o termo juventude não como “unidade”, mas como “diversidade”. Compreensão também trazida por (SILVA e FREITAS, 2018, p. 03) quando afirmam que:

A categoria “juventudes” assume, nessa dinâmica, dimensões fluidas e híbridas, de caráter fragmentado, instável, calcadas em outros diversos territórios que não apenas o etário – critérios também fluidos e incertos, no caso dos jovens negros e empobrecidos que vivem na Região da Grande Fortaleza.

Assim, entendendo as diversas interpretações e significados para a categoria juventudes, afirmamos nesse informe, nossa compreensão de entende-los/as e respeitá-los como sujeitos de direitos e deveres, conquista dos movimentos sociais juvenis, categorias jurídicas e civis engajadas com a causa, as quais apostaram na máxima “todos os seres humanos são iguais” presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), trazemos aqui inquietações sobre os desafios e possibilidades apresentadas pelos/as jovens em contexto de pandemia, em cenários que não espelham o princípio da igualdade de oportunidades, de acesso à saúde, assistência social ou quaisquer outros direitos sociais, previstos no âmbito legal.

Sendo o Grande Bom Jardim um bairro formado por um contingente representativo de jovens, o que mudou na vida das juventudes periféricas com a chegada do COVID-19? Quais os desafios? Quais os aprendizados desse período? No dia 13 de junho, dez jovens

participaram de um encontro virtual, uma tentativa de grupo focal virtual, para dialogar sobre questões relacionadas aos impactos da pandemia do coronavírus. Uma conversa sobre as impressões, interpretações e sentimentos que os jovens organizaram para explicar as mudanças e impactos em suas vidas.

Promovido pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) facilitado pelo sociólogo Caio Feitosa e a assistente social Ingrid Rabelo, o encontro virtual faz parte da metodologia para a construção do Informe em Direitos Humanos e pretendeu ouvir jovens moradoras/es do Grande Bom Jardim para compreender suas diversas vivências e realidades e perceber como eles/as vêm as consequências desse período em suas vidas e na sociedade. As impressões e interpretações dadas pelo grupo de jovens, que acessam programas e projetos socioculturais na região, sobretudo os mediação pelo CDVHS, são refletidas com dados e pesquisas recentes, de caráter nacional ou local, para nos ajudar a pensar nas implicações do contexto de pandemia sobre as juventudes. Nossa amostra é pequena e qualitativa, não possui o interesse de ser uma representação geral, ampla, mas indicações de questões que perfazem as preocupações dos jovens sobre este contexto na periferia de uma grande cidade. Com este material, ao analisar suas impressões e leituras com outras pesquisas, vemos regularidade nestas nas preocupações levantadas. Sobre elas refletimos adiante.

As informações coletadas no grupo focal dialogam com o estudo “Juventudes e Pandemia do Coronavírus”<sup>1</sup> organizado pelo Conselho Nacional de Juventudes (Conjuve) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO), Fundação Roberto Marinho, Rede Conhecimento Social, Em Movimento, Visão Mundial, Mapa Educação e Porvir, foram entrevistados 33.688 jovens do Brasil entre os dias 15 e 31 de maio, desse total 28% são nordestinos que responderam sobre questões relacionadas aos impactos da pandemia em áreas como educação, emprego, saúde e bem-estar, bem como suas expectativas para o futuro<sup>2</sup>.

Sobre o grupo focal, tivemos a participação de jovens com idade entre 19 e 26 anos todos/as moradores/as do Grande Bom Jardim, cinco mulheres e cinco homens, apenas

---

1 Ver sobre em: [https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618\\_41b201dbab994b44b00a-abca41f971bb.pdf](https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00a-abca41f971bb.pdf)

2 Ver sobre \*Acesso em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/em-quarentena-72-dos-moradores-de-favelas-tem-padrao-de-vida-rebaixado.shtml>

uma não moram com a mãe e/ou pai. Ao serem questionados sobre as dificuldades desses períodos, elas/eles apontam, principalmente, para a dificuldade do isolamento social, acostumados a ocupar praças e outros espaços públicos, os jovens sentiram dificuldade nas mudanças de hábitos. Uma das jovens apresentou que é comum a sensação de “improdutividade” principalmente em relação aos estudos, ela não foi a única a apresentar queixas em relação à saúde mental, nas falas foi possível identificar que o isolamento social necessário para barrar o vírus desacelerou ou mesmo tem dificultado a produção cultural, artística e intelectual das juventudes. A pesquisa realizada pelo Conjuve revela que sete em cada dez jovens tiveram seu estado emocional piorado por causa da pandemia.

No grupo, alguns referiram a crise de ansiedade, irritação e desafio de reaprender rotinas, contornar as relações familiares e afastar do cotidiano de sociabilidade que as práticas sociais anteriores à pandemia permitiam. O dado apresentado, de cuidado e atenção à saúde mental foi unânime ao destacar que os períodos de maior irritação, tristeza ou sensação de improdutividade podiam ser driblados com as possibilidades variadas de criação que cada um encontrou, desde ajudar nos afazeres domésticos à produção intelectual, artístico e cultural. Ressalta-se aqui a importância da arte e da cultura como mediadoras para novas significações, novos aprendizados, novas práticas durante o período de pandemia. De maneira geral, isto já foi notado por diversos levantamentos do perfil das práticas e comportamentos. Mas servem com mais ênfase para o grupo em consideração, porque os jovens entrevistados estão neste fluxo.

Se por um lado os cuidados com a higiene e com as tarefas domésticas aumentaram com eles/elas passando mais tempo em casa, por outro lado, houve o padrão econômico de vida rebaixado nas famílias dos jovens participantes, ou mesmo viram sua situação de pobreza se ampliar; perda do emprego dos familiares, perda dos postos de trabalho informal em que muitos pais tiravam o sustento familiar, dificuldade em acessar o mundo do trabalho foram algumas das principais reclamações apresentadas, fatores esses, apresentados na pesquisa do Datafolha, divulgada pela Folha de São Paulo\*. A pesquisa estimou que “13,6 milhões de pessoas teriam dificuldade na compra de itens básicos de sobrevivência, como alimentos”. Um dos jovens relatou que não fosse a doação da cesta básica de uma campanha de solidariedade não sabia como teria passado as primeiras semanas de isolamento social. Por isso, a importância do auxílio emergencial para famílias em situação de vulnerabilidade social que se depararam com a renda comprometida.

O desemprego também representa um impacto significativo na vida dos jovens que já enfrentavam esse problema, mesmo antes da pandemia, agora agravado pelas restrições econômicas e o nosso padrão de desigualdade. No primeiro trimestre de 2020, o índice de desempregos entre jovens de 18 e 24 anos chegou a 27,1%, média que, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é maior que a média geral de 12,1%. A disparidade racial também é apresentada na pesquisa do IBGE, a taxa de desemprego entre pessoas autodeclaradas brancas é inferior (9,8%) àquela apresentada por pessoas autodeclaradas pretas (15,2%) e pardas (14%). Os números revelam a urgência de iniciativas do setor privado e de políticas públicas de emprego e renda<sup>3</sup>, compreendendo as especificidades geracionais e de raça.

Sobre a participação social dos/as jovens no período da pandemia, uma jovem classificou que percebe duas reações das juventudes: uma delas é o bloqueio para desenvolver atividades como estudar, trabalhar, interagir nas redes sociais e outra de jovens que estão assumindo a linha de frente no enfrentamento à doença, arrecadando alimentos, materiais de higiene, máscaras, realizando apresentações nas rede sociais, divulgando informações por whatsapp e fortalecendo amigos/ as que estão passando por dificuldades socioemocionais.

Dessa forma, foi possível perceber que as juventudes estão atentas e criando estratégias de comunicação, além de estar mobilizadas no ativismo virtual, chamando atenção para pautas antirracistas, de gênero, ambientais, também estão dispostas a pressionar por recursos em prol da população jovem e de baixa renda.

A pesquisa realizada pelo Conjuve mostra que 42 % dos jovens entrevistados participaram de ações solidárias de entrega de suprimentos e doação de alimentos e dinheiro, as mulheres mostraram mais envolvimento nessas ações. Quando lançamos o olhar para o território do Grande Bom Jardim, cujos bairros apresentam baixos índices de desenvolvimento humano, o efeito das campanhas de solidariedade apresenta-se de forma muito evidente nas comunidades onde os/as jovens moram, o que revela a necessidade de políticas públicas de assistência social fortalecidas.

O grupo também apresentou formas criativas de enfrentar o distanciamento social, leituras, escritas, criação de grupos para compartilhar informações, participação em exposições virtuais de fotografias, apresentação artistas pelo instagram.

---

3 IBGE: taxa de desemprego de jovens atinge 27,1% no primeiro trimestre. Acesso em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/27/06/2020>

Ao mesmo tempo, eles/elas apresentaram preocupações que já eram frequentes, como por exemplo, a violência. Nos últimos dias perceberam a intensificação das notícias de homicídios de pessoas conhecidas e ouviram muito barulho de fogos de artifícios e tiros disparados por grupos armados presentes em seus territórios, fato também divulgado nos jornais locais como uma ação de comemoração da tomada de território para o tráfico de drogas.

Os movimentos de defesa dos direitos de crianças e adolescentes noticiou o aumento dos homicídios nos últimos meses. O COMDICA (Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente) lançou uma nota<sup>4</sup> no dia 15 de junho, apresentando que “somente nos quatro primeiros meses de 2020, já foram registrados 286 crimes violentos letais intencionais que resultaram na morte de adolescentes no estado, o que representa uma média de 2,36 assassinatos por dia”, com destaque importante para o crescente número de assassinatos de meninas, sendo 30 adolescentes até o dia 30 de abril de 2020, e o recorte racial que estrutura estas mortes.

Os jovens, em relatos abordaram as seguintes questões que atravessam seus cotidianos, cuja a dinâmica e os signos da violência se fazem mais do que presentes e ameaçadores;

“Se ver muito tráfico de drogas. Parece que tudo [violência] aumento 100% do que já era. Se escuta música de facção, fogos misturados com tiros. Depois da quarentena, causada pela pandemia, eles usaram para tomar mais território.” (Informação verbal João, 20 anos)

“Além da violência e das facções, se percebe também o toque de recolher. Homicídios crescendo, caso de pessoas que somem, sumiços (involuntários), violência doméstica, abuso sexual infantil. Se percebe o tráfico de drogas mais feroz.” (Informação verbal Marcos, 24 anos)

Em nota divulgada em 25 de junho, o Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará chama atenção para escalada da violência e como esta tem atingido a população infantojuvenil, tanto a violência gestada pelos grupos armados como a violência produzida pelo Estado. A nota chama atenção para o aumento expressivo dos indicadores de violência no estado do Ceará em 2020. Segundo o relatório: “aumentou 101% em relação ao mesmo período de 2019. Até o final de maio deste ano, foram contabilizados 1.887 homicídios, representando

---

4 Para ter acesso: <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/.pdf>.

83,61% de todas as ocorrências durante o ano de 2019.” Vale ressaltar, que os números, segundo a análise da nota, explodem desde fevereiro, após o motim da Polícia Militar, que imprimiu um cenário de terror em todo o estado. • A nota ainda apresenta que o crescimento e a preocupação com os indicadores de violência indicam: que 42,29 das mortes em 2020 são de adolescentes e jovens (12 a 24), ou seja, 798 adolescentes e jovens perderam a vida;

- A nota ainda apresenta que o crescimento e a preocupação com os indicadores de violência indicam: que 42,29 das mortes em 2020 são de adolescentes e jovens (12 a 24), ou seja, 798 adolescentes e jovens perderam a vida;
- Que aumentou a morte de mulheres, chamando atenção a morte de adolescentes do sexo feminino, sendo registrados 161 casos, em 2019, no mesmo período (janeiro a maio), foram registrados 87,6% menos ocorrências; em relação a crianças e adolescentes do sexo feminino, de 0 a 18 anos, o crescimento foi de 153,85%, passando de 13 casos em 2019 para 33 em 2020.
- Até o final de maio de 2020 contabilizou-se 78 mortes por intervenção policial, representando 57,35% do total registrado durante todo o ano de 2019.

Os jovens relataram alterações no mercado de drogas, como diversos comentários sobre o aumento do preço; os conflitos pelo domínio de certos grupos armados por determinadas áreas; que também se registrou maior permissividade da atividade dos grupos armados por parte da polícia; toques de recolher nas comunidades; invasões de casas e aumento dos homicídios. Estes relatos, aqui resumidos nestes tópicos, talvez ajudem a compreender como, ao mesmo tempo que a população tenta administrar as consequências de uma grave pandemia de proporções planetárias, precisa cuidar das condições de permanecer vivo diante da intensificação do padrão de violência urbana. E isto é uma constante nos bairros e comunidades do Grande Bom Jardim.

Importante também notar o marcador tempo de intensificação dos conflitos como sendo a partir do motim da PM, como apresentado no documento do Fórum. Desde então se experimenta níveis de violência que se intensificam e podem representar uma tendência para se repetir os tristes números de 2017. Isto representa mais uma condição do limite permanente, entre a vida e a morte, experimentado pelas populações pobres e negras nas periferias em Fortaleza.

Além de toda essa pressão que acompanha o período de crise na saúde e segurança pública, os jovens também tendo que enfrentar o desafio de lidar com o ensino à distância, seja

s aulas da faculdade, seja na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou até mesmo para acompanhar as aulas do ensino médio, a dificuldade em ter acesso à internet com qualidade para acessar as aulas, comunicar-se com os professores para tirar dúvidas e, além disso, deparam-se com a falta de um ambiente doméstico adequado para estudar. Tudo isso são barreiras que eles/elas identificam para o estudo com qualidade.

A Pesquisa “Juventudes e Pandemia” mostrou que “seis em cada dez jovens consideram que suas instituições de ensino devem priorizar atividades para lidar com as emoções; e cinco em cada dez querem aprender estratégias para gestão de tempo e organização”. O adiamento do Enem foi visto como algo positivo e importante, além disso, a ideia de recuperação do ano letivo, por meio de aula presencial e a criação de um quarto ano de ensino médio, também foi apontado como uma solução alternativa para não prejudicar estudantes de escolas públicas.

A pesquisa do Conjuve também mostrou que quase 30% (28,8%) do jovens pensam em deixar a escola e, entre os que planejam fazer o ENEM, 49% pensaram em desistir.

Associado à questão de conseguir estudar e suas dificuldades, os jovens apresentaram o quadro de acesso à informação sobre a COVID-19. No geral, julgaram ter acesso adequado e constante à informação, de igual modo suas famílias, parentes e vizinhos. A TV continua tendo a primazia de referenciar o conteúdo, com o aumento da importância da internet, sobretudo para os seus pais e demais parentes. Os jovens ressaltaram que mesmo diante das informações, há outros fatores, não explorados, que contribuem para que os pais e parentes, bem como vizinhos, não deem tanta importância às recomendações sanitárias. Talvez nestes aspectos o acesso à informação cumulada com a formação educacional, fazendo as informações da ciência serem plenamente referenciadas, como também o estímulo de lideranças políticas ao descumprimento das medidas, ajudem a explicar certo ceticismo frente ao mar de informações. Sobre este aspecto, os jovens relataram que a avalanche de informação contribuiu para a piora do quadro mental, ampliando ansiedade, preocupações e estresse diante da crise.

Tanto o grupo focal, como a pesquisa realizada com jovens de todo o Brasil, nos chama a atenção para a necessidade de fortalecimento da saúde mental, de políticas públicas que estimulem os/as jovens a criar, a sonhar, a exercitar a intelectualidade e sobretudo de viver dignamente com acesso a uma educação que respeite, esteja atenta e busque superar as desigualdades econômicas, raciais e de gênero. É tempo de construir tomadas de decisões com a população que representa 23% dos/das brasileiros/as, um total de mais de 47 milhões

de jovens que tem grande potencial de transformar a desigualdade estrutural do nosso país, só precisam que haja investimentos em suas ideias.

## RECOMENDAÇÕES

- Ação dos cuidados emocionais e saúde mental dos adolescentes e jovens quando do retorno às atividades escolares, ou mesmo em projetos e programas sociais, culturais, artísticos e esportivos;
- Política emergencial de emprego e renda para os adolescentes e jovens;
- Reforço de políticas de prevenção à violência para a população infanto-juvenil, observando as recomendações do Comitê Cearense para Prevenção dos Homicídios na Adolescência e o Plano Municipal de Enfrentamento à Letalidade Infanto-juvenil;
- Retorno às atividades escolares com proteção sanitária, com planejamento pedagógico e social para as múltiplas repercussões sociais e de aprendizado dos adolescentes e jovens.

### Fios para compreensão e ação vida digna para os adolescentes e jovens

Compreender os impactos na saúde mental dos mais jovens.

Compreender os impactos na aprendizagem e suas repercussões para o acesso à universidade

Compreender as condições ambientais, de moradia e estruturais para o estudo e a pesquisa em casa

Compreender os continuados riscos e vulnerabilidades causadas pela violência e suas amplas violações para se viver com dignidade

É necessário garantir oportunidades de aprendizagem com acesso à renda para a juventude, para que contribuam para enfrentar a pauperização de suas famílias

## Referências

ABDALA, Vitor. IBGE: taxa de desemprego de jovens atinge 27,1% no primeiro trimestre. **Agencia Brasil**, Brasília, DF, 15 maio 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/> Acesso em: 26. Jun. 2020.

CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DE FORTALEZA. **Nota Pública sobre os homicídios de crianças e adolescentes em Fortaleza. Fortaleza, 2020.** Disponível em: <https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/images/pdf>. Acesso em 25 jun.2020

BRASIL. Conselho Nacional de Juventude. **Juventude e a Pandemia do Coronavírus.** Versão digital. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.juventudeseapandemia.com/>. Acesso em: 01.jun.2020

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DO DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em 25. Ago. 2020.

FORÚM POPULAR DE SEGURANÇA PÚBLICA DO CEARÁ. **Escalada de homicídios no Ceará durante pandemia exige mudança urgente da política de segurança pública.** Versão digital. Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://https://www.plataformadh.org.br/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

IBGE. **Censo de 2010.** Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23. Jun. 2020.

MENA, Fernanda, SANT'ANA, Emílio. Em quarentena 72% dos moradores de favelas tem padrão de vida rebaixado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 de março, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 01. jun. 2020.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.  
SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento; FREITAS, Geovani Jacó de. **Práticas poéticas: juventude, violência e insegurança em Fortaleza.** Revista Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 14, n. 26, P. 129-155, 2018.





**MISEREOR**  
IHR HILFSWERK



[cdvhs.org.br](http://cdvhs.org.br)



[fb.com/CentroHerbertdeSouza](https://fb.com/CentroHerbertdeSouza)



[@cdvhs.ce](https://@cdvhs.ce)